

Capítulo 5 - DOI:10.55232/1082025.5

CONTO POPULAR NA SALA DE AULA: UMA INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

Amanda Samila Vieira Fernando, José Walber Vieira De Oliveira e Maria Liane Lopes Feitosa

RESUMO: O conto popular é um tipo de narrativa oral, bastante difundida no Nordeste brasileiro. Surgindo nas práticas culturais, ele costuma ser contado em rodas de conversas, sendo um importante traço cultural regional. Porém, as histórias contadas por nossos antepassados lidam a todo tempo com a possibilidade do esquecimento. Em virtude de o conto popular ser ainda pouco trabalhado em sala de aula, o objetivo geral deste trabalho é desenvolver uma proposta metodológica para trabalhar esse gênero literário no Ensino Fundamental II. Para a construção deste trabalho nos baseamos nos escritos de pesquisadores como Simonsen, (1987), Cascudo (1954), Xidieh (1993). Já a proposta metodológica se dá por meio do Método Receptional, de Bordini e Aguiar (1993). A relevância deste trabalho se dar pela pertinente discussão acerca do conto popular e sua tradição no Nordeste, além de promover interdisciplinaridade entre Literatura e História e apresentar uma proposta de leitura do conto popular na Educação Básica.

Palavras-chave: Conto popular; Interdisciplinaridade; Método Receptional.

INTRODUÇÃO

O conto popular é um tipo de narrativa oral, bastante difundida no Nordeste brasileiro. Narrado em terceira pessoa, os contos populares possuem temas variados, tais como: viajantes, assombrações, animais falantes, reinos encantados, entre outros. Muito presente nas comunidades, essas narrativas surgem nas práticas culturais e costumam ser contadas em rodas de conversas, sendo considerado um importante traço cultural regional. Os contos populares constituem relatos em prosa de acontecimentos reconhecidamente fictícios, ou seja, sem compromissos com a realidade. Tais narrativas são transmitidas entre o povo há gerações e integram a literatura originalmente popular. (SIMONSEN, 1987).

Porém, as histórias contadas por nossos antepassados lidam a todo tempo com a possibilidade do esquecimento. Ademais, como sabemos, a escola, espaço de disseminação das literaturas como um todo, acabam por supervalorizar os conhecimentos eruditos, deixando de lado o saber popular, conhecimento adquirido através dos costumes, crenças e vivências das pessoas dentro do seu meio social. Ao dissertar sobre o conto popular na sala de aula, o pesquisador Ivan Vale de Souza destaca a sua importância para o ensino de Língua Portuguesa, para o autor:

Os contos populares valorizam a cultura, muitas vezes, não enxergada pela escola e pode apresentar uma linguagem mais própria ao contexto social do aluno. Trazer para as práticas metodológicas o estudo, a reflexão e produção do conto popular em seu contexto de escrita, propondo ao sujeito transitar entre o erudito e o popular, entre as variações da linguagem utilizada na narrativa e as diferentes formas de permitir ao estudante enxergar a linguagem como processo vivo e dinâmico. (SOUZA, 2017, p. 09).

Como podemos ver, são muitos os benefícios do trabalho com o conto popular em sala de aula. Sendo possível abordar aspectos históricos, valores culturais e, ainda, construir conhecimentos relativos à língua e suas variações.

Tomando por base essas considerações e o fato de o conto popular ser um gênero pouco trabalhado nas escolas, havendo a necessidade de mais estímulo por parte dos agentes educacionais, desenvolvemos este trabalho, cujo objetivo geral é desenvolver uma proposta metodológica para trabalhar o conto popular no Ensino Fundamental II.

Sabendo também da necessidade de visibilidade, como forma de colaborar para que essas narrativas orais não sejam esquecidas, os objetivos específicos são: promover a interdisciplinaridade entre as disciplinas Literatura e História; realizar a leitura do conto “*Um*

emprego para Pedro Malazartes”¹; e discorrer sobre o conto popular e sua tradição no Nordeste.

Quanto aos aspectos metodológicos, estes seguiram algumas etapas, sendo que, do ponto de vista teórico, as reflexões para a construção deste trabalho se basearam nos escritos de pesquisadores como Oliveira (2011), Minayo (2010), Silva (2015), Cascudo (1954), Xidieh (1993), aspectos que configuram esta pesquisa como bibliográfica de caráter descritivo, cujos objetivos são descrever a complexidade de problemas e hipóteses. Já a proposta metodológica se desenvolveu por meio do Método Receptional, elaborado por Bordini e Aguiar (1993).

Dessa forma, acreditamos na relevância deste trabalho e esperamos, com isso, promover a interdisciplinaridade entre a Literatura e a História, discorrendo sobre questões pertinentes do conto popular e sua tradição no Nordeste e, sobretudo, apresentando maneiras viáveis para trabalhar a cultura popular na Educação Básica.

PROBLEMATIZANDO A LITERATURA E CULTURA POPULAR

A educação formal se restringe ao espaço territorial da escola, a sua regulamentação, normatização, bem como à presença nos currículos. Por outro lado, a educação não formal configura-se num aprendizado espontâneo, que parte da intencionalidade, destacando-se, sobretudo, nos processos de socialização no ambiente familiar (GOHN, 2010, p.1). De forma mais simples, podemos dizer que a educação formal é adquirida exclusivamente no espaço escolar, enquanto a educação informal é constituída ao longo da vida, decorrente das experiências extraescolares.

Assim como a educação formal e informal, o saber erudito e o popular também costumam ser disseminados em espaços diferentes, de modo que as instituições escolares são as principais responsáveis pelo conhecimento erudito, enquanto o saber popular se perfaz através dos costumes, tradições, vivências, etc. De acordo com Oliveira (2011, p. 11):

os conhecimentos transmitidos pela escola ainda preservam a superioridade da cultura erudita no comportamento social, desconsiderando os saberes produzidos e preservados pelas comunidades populares que têm modos de vida, valores, crenças e hábitos que diferem da cultura citada.

¹ Conto popular retirado do livro “Contos tradicionais do Brasil”. Mais informações em: CASCUDO, Luís da Câmara. Contos tradicionais do Brasil. São Paulo: Global, 2004 [1946].

As palavras da autora supracitada evidenciam a depreciação do saber popular, de modo que este é desvalorizado por estar ligado às práticas culturais. Uma convenção totalmente ultrapassada, haja vista que há cerca de três décadas, o intelectual Demerval Saviani (1991), já pontuava que o povo precisa ter acesso ao saber erudito sistematizado, justamente para expressar de forma elaborada os conteúdos da cultura popular que correspondem aos seus interesses. Ou seja, todo o conhecimento erudito surge dentro dos saberes populares, de forma que o primeiro é apenas a sistematização do segundo, portanto, não podemos, em hipótese alguma, desmerecer o conhecimento popular.

Corroborando com tais afirmações, Freire (2003), atenta para a relação entre educação e humanização, de forma que a educação não acontece apenas no âmbito escolar, mas sim, em diversas práticas sociais. Isso significa que, ao invés de dividir o saber erudito e o popular, deve-se haver uma complementação entre ambos, pois independentemente de onde venha, o conhecimento é sempre plausível.

Em consonância com o autor supracitado, a pesquisadora, Jacklaine de Almeida Silva, em seu trabalho, “Literatura popular na escola”, discute sobre a importância da literatura popular no ambiente escolar, sobretudo, quando se trata das escolas da região Nordeste, para a autora:

a literatura popular deve ser evidenciada pelo seu valor e porque também é uma prática da vida cultural do aluno, principalmente o nordestino. É importante que a escola permita ao aluno inserir-se no processo de recepção dos textos literários, especialmente aqueles que fazem parte de sua vivência e cultura, como sujeito marcado histórico e culturalmente, capaz de dialogar com suas próprias experiências. (SILVA, 2015, p. 2-3).

Mas, ao contrário daquilo que os autores mencionados recomendam, o que vemos nas escolas é a elitização das obras literárias e supervalorização do cânone, métodos de ensino que muitas vezes distancia a literatura do aluno. Esse distanciamento se torna ainda mais evidente quando nos reportamos às literaturas populares. Área da Língua Portuguesa pouco explorada nas escolas, de forma que os alunos, na maior parte das vezes, só têm a oportunidade de apreciá-las pelo prisma folclórico (SILVA, 2015).

Não é que as obras que compõem o cânone literário brasileiro devam ser suprimidas dos manuais acadêmicos e das escolas, mesmo porque são de grande importância, pois fazem parte da história do Brasil. A problemática em torno do cânone, bem como da erudição se justifica pelo fato de que todos ou, pelo menos, a maioria dos currículos escolares valorizam tais aspectos e suprimem a literatura popular, renegando um campo literário que também faz parte

das nossas tradições culturais. Afinal, como afirma Alfredo Bosi, existem dois tipos de cultura no Brasil:

a cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades) e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna. (BOSI, 1992, p. 309)

Como podemos ver, um dos maiores críticos da nossa literatura reconhece a necessidade de valorização da cultura popular. Diante disso, cabe aos novos pesquisadores, literatos e historiadores, a tarefa de enaltecer essa gama de expressividade cultural, que é a literatura do povo, não deixando que esses valores sejam perdidos no tempo.

O CONTO POPULAR: NARRATIVA DOS ILETRADOS

A depreciação das literaturas populares é ainda maior quando se trata do conto popular, gênero literário que surge por meio do uso da memória e oralidade, e está totalmente ligado às práticas culturais.

Sobre o conto popular, é possível afirmar que esse tipo de literatura surge nas práticas culturais e costumam ser contados em rodas de conversas, sendo um importante aspecto regional, presente no cotidiano social, político e cultural de um povo. Segundo Câmara Cascudo, “na literatura oral e popular brasileira são abundantes (...) os contos que narram histórias de cangaceiros valentes, bois fugitivos, batalhas famosas, biografias de santos. É um índice de consagração para as tradições do povo no interior” (2002 [1954], p. 20).

De acordo com que propõe Cascudo, o conto popular está pautado em uma categoria de narrativas variadas, presentes nos meios sociais da cultura popular. Sistematizando uma narrativa por meio da oralidade, o conto popular parte das tradições que surgem através do saber do povo, “aparecendo no meio cultural como agente de sua própria história, partilhando a memória, fortalecendo a identidade e criando os valores, hábitos e costumes de uma determinada sociedade. Neste sentido, o conto popular pode ser entendido como um conjunto de objetos ou práticas tradicionais que são originárias ou criadas pelos setores populares” (OLIVEIRA, 2020, p. 10).

Diante disso, percebemos que o conceito de conto popular vem sendo construído ao longo da história e, na maioria das vezes, está composto por várias interpretações que caracterizam sua essência como uma tradição regional de caráter polissêmico. Sendo assim, o

conto popular pode ser entendido como qualquer manifestação cultural, que diz respeito ao dialeto popular, em que um povo produz e participa de forma ativa nas suas práticas narrativas (BARROS; SOUZA, 2014).

Esse gênero da literatura popular constitui-se de importâncias, pois é uma das formas de evidenciar o saber do povo e, por isso, deve ser trabalho em sala de aula. É nesse sentido que esta pesquisa se desenvolve, sendo instância produtora de saberes em torno das manifestações da cultura popular. Entretanto, as manifestações desta natureza são normalmente vistas e ditas como se estivessem morrendo, precisando de salvação e resgate por parte dos letrados.² Por isso, decidimos dar visibilidade às questões que ainda estão obscuras, mas que possuem relevância social e acadêmica.

Para tanto, apresentamos uma proposta metodológica para trabalhar o conto popular em sala de aula, utilizando a interdisciplinaridade, a qual “constitui uma articulação de várias disciplinas em que o foco é o objeto, o problema ou o tema complexo, para o qual não basta a resposta de uma área só. (MINAYO, 2010, p. 435). Nessa perspectiva, Câmara Cascudo discute a importância e intercala o conto popular com outras ciências, ao dizer que “o conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, literária e social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos” (CASCUDO, 2004 [1946] p. 6).

E como forma de viabilizarmos o conto popular, como vértice entre a História e a Literatura, utilizamos o Método Receptional proposto pelas pesquisadoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, com o objetivo de que os alunos efetuem leituras compreensivas e críticas, sejam receptivos a novas leituras, questionem as leituras efetuadas em relação ao seu próprio horizonte cultural e transformem os próprios horizontes de expectativas, bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social (BORDINI; AGUIAR, 1993).

O Método Receptional foge dos padrões de ensino tradicionais, aos quais acreditam que o sentido das obras provém unicamente daquele que escreve, isto é, as leituras realizadas com o foco no autor, e adota uma postura contrária, de modo que o leitor passa a ser o centro da atenção, podendo atribuir sentido para aquilo que ler. Dessa forma, os leitores se tornam críticos e reflexivos, pois questionam suas leituras associando-as ao seu meio social. Assim, além da

² Para conhecer detalhadamente esse processo de salvação da cultura popular, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013b.

fruição, a leitura de obras literárias proporciona conhecimentos aos leitores. Nesse sentido, as autoras pontuam que:

Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 13).

Em se tratando da literatura popular, acreditamos que a leitura de contos populares permita aos alunos conhecerem um pouco da cultura de causos nordestinos e as tradições dos nossos antepassados, logo, como já pontuamos, o conto popular surge nas comunidades narrativas, fazendo parte dos costumes das pessoas, sendo passados de geração em geração, portanto, conhecer sobre os contos populares é uma forma de estimular o gosto pela leitura, visando a formação de leitores, mas também, conhecer a história de um povo e dar voz a ela, não deixando que sejam silenciadas.

Por fim, considerando que “as mídias tecnológicas se constituem como uma opção a mais na trajetória pedagógica”. (FONSECA, 2008, p. 03). Sendo uma ótima forma de fugir da rotina repetitiva de conteúdos e exercícios e apresentar como algo novo, isto é, novas formas de aprender, usando as ferramentas que fazem parte do dia a dia dos alunos. Utilizaremos algumas ferramentas digitais na metodologia proposta para trabalho com o conto popular, a exemplo do Blog, página da internet que costuma ser atualizada com novos conteúdos com frequência, sendo que tais conteúdos podem incluir diários pessoais, ou relacionados a um determinado tema. A descrição da atividade com o Método Recepional e o uso das TICs será apresentado adiante.

Pedro Malazartes: o rei dos contos populares no Brasil

Escolhemos trabalhar com os contos populares de Pedro Malazartes pelo fato deste ser um dos personagens mais encontrados na literatura popular do Brasil. Na apresentação da sua versão dos contos de Pedro Malazartes, Augusto Pessôa (2018), afirma que em todas as regiões do país, há relatos sobre as aventuras desse caipira, de modo que, muitos intelectuais, a exemplo de Câmara Cascudo, Basílio de Magalhães e Silvio Romero, registraram em seus livros versões das peripécias do espertalhão. Ele sempre é apresentado com todos os clichês do típico homem do povo: magro, amarelo, aparentemente fraco, feio. No entanto, Pedro Malazartes tem uma característica especial: é finório e vive de suas espertezas e artimanhas.

Ao contrário dos demais heróis da literatura popular, que tem como objetivo vencer os vilões e alcançar a felicidade, na maioria das vezes ao lado de uma linda mulher, Pedro pode ser considerado um anti-herói, pois engana os poderosos vilões com sua astúcia, mas, sua intenção é roubar a posição ou a fortuna, seu desejo é apenas conseguir uma soma de dinheiro que garanta sua diversão até um certo tempo, pois quando a quantia acaba, ele volta a aprontar novamente (PESSÔA, 2018).

Certo ou errado, inocente ou culpado. O fato é que por todos os cantos do Brasil, alguém já contou, ouviu e/ou se divertiu com pelo menos uma das aventuras de Pedro Malazartes. Por isso, suas histórias não podem ficar de fora do repertório de leituras da educação básica, haja vista que, além proporcionar todos os benefícios já elencados, constitui-se como símbolo da literatura popular brasileira.

O CONTO POPULAR NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA COM O MÉTODO RECEPCIONAL

- **Título:** Literatura popular e resgate cultural
- **Público alvo:** Alunos do 9º do Ensino Fundamental
- **Tempo estimado:** 08 aulas de 50 minutos

1ª Etapa – Determinação do horizonte de expectativas

Deve-se iniciar a proposta metodológica contextualizando o tema, com a apresentação de uma imagem – sendo esta: uma foto homem/mulher contando histórias para crianças ao seu redor – e questionamos os alunos sobre as suas impressões, pedindo que eles descrevam a imagem e também perguntando a que essa foto os remete? A partir das inferências dos alunos, inicia-se então a exposição da atividade, de forma que o professor pode falar um pouco sobre a imagem e sua relação com a atividade, bem como o conto popular, suas raízes e manifestações.

Por conseguinte, apresenta-se a capa do livro “*As aventuras de Pedro Malazartes*”, perguntando se eles conhecem esse livro ou o personagem, nesse momento é possível contextualizar a história utilizando imagens do filme “*Pedro Malazartes*”.

A escolha do conto se sustenta nos pressupostos de Bordini e Aguiar, que nos dizem que os estudantes gostam de histórias em que o herói é posto à prova e combate o adversário aterrorizante, vencendo-o por meios mágicos ou pela astúcia, de modo que a sua vitória é entendida como solução para um problema essencialmente humano de adaptação à realidade.

O personagem, Pedro não é exatamente o herói perfeito, mas não podemos negar que ele tem astúcia de sobra para conquistar os jovens leitores.

Tempo estimado: 01 aula de 50 minutos.

2ª Etapa - Atendimento do horizonte de expectativas

Considerando as palavras das autoras do Método Recepcional, que recomendam que nesta etapa “o professor lê o texto eleito, de forma expressiva, propiciando a participação dos alunos, que comentam o fato narrado e as ilustrações e adiantam e desenvolvem o enredo”. Nesse momento realiza-se a leitura integral do texto literário. Para tanto, é interessante formar uma roda de conversa, de modo a tornar o ambiente agradável para realização da leitura do conto popular “*As aventuras de Pedro Malazartes*”.

A professora inicia a leitura em voz alta, tendo a opção de que os alunos acompanhem de forma silenciosa, por meio de um folheto entregue no início da aula ou compartilhem da oralidade e leiam alguns trechos. Ao final da leitura é possível discutir sobre alguns aspectos da obra, como por exemplo, as maldades do patrão, a sagacidade de Pedro Malazartes e se eles concordam ou discordam com as atitudes do nosso herói. Ainda sobre o conto, é possível falar sobre o humor presente nas histórias, característica do conto popular, que é muito bem aceita pelos leitores, pois os divertem.

Tempo estimado: 02 aulas de 50 minutos

3ª Etapa – Ruptura do horizonte de expectativas

Na etapa de ruptura do horizonte de expectativas é comum o professor indicar ou fazer a leitura de outra obra juntamente com os alunos (BORDINI; AGUIAR). Porém, nesta atividade faremos algo diferente, ao invés de realizarmos a leitura de uma obra com os alunos, pediremos que eles busquem por uma obra – neste caso um conto popular. Como sabemos, o conto popular surge dentro das comunidades narrativas, ou seja, nos ambientes sociais e familiares, sendo contados de pessoa para pessoa, desse modo, como demonstramos na primeira etapa, é comum que avós, pais, tios, especialmente na região Nordeste, contem histórias para as crianças.

Nesse sentido, os estudantes devem conversar com seus familiares afim de conhecerem uma história – conto popular – as narrativas orais devem ser escritas da maneira como foram contadas, depois levadas para a sala de aula, onde serão compartilhadas com toda a turma. Reunidos os contos populares, pediremos que eles expressem suas opiniões, se gostaram da atividade e quais descobertas fizeram durante a sua realização.

Sabendo que os contos populares são passados de geração em geração, é possível questioná-los da seguinte forma: quem contou a história, como essa pessoa conheceu essa história, vocês acham que esse caso é verdadeiro? Para contos encantados pode-se perguntar se eles acreditam em reinos encantados, para contos de assombração, pode-se perguntar se eles acreditam em fantasmas, se têm medo, se já viram, etc.

Tempo estimado: 01 aula de 50 minutos

4ª Etapa – Questionamentos do horizonte de expectativas

Fonseca (2008, p. 05) nos diz que “não há mais como conceber a educação desvinculada da realidade na qual o aluno está inserido. A internet e outras mídias são instrumentos que fazem parte do mundo dos educandos”. Portanto, é essencial que a escola utilize as TICs como metodologias que viabilizem inovações para o ensino.

Diante disso, como forma de ampliar as leituras dos alunos e seus conhecimentos acerca do conto popular, bem como favorecer as atividades com tecnologias digitais de forma conjunta, o professor/a deve reunir a turma para criar um blog na internet, com o objetivo de compartilhar os contos populares contados pelos familiares dos alunos. É possível dividir os grupos de acordo com as habilidades dos estudantes.

Por exemplo, alguns jovens gostam de escrever, então, eles podem ficar na área de comunicação, postagem das obras, outros possuem habilidades de programação, dessa forma, devem ficar responsáveis pela criação do software, por fim, os alunos que gostam de desenho, artes, serão os criadores de design da página.

Neste espaço eles também poderão publicar seus depoimentos sobre as experiências vivenciadas durante a realização das atividades, bem como, divulgar para a comunidade escolar, familiar e social, apresentando o resultado deste trabalho para as pessoas que contribuíram (contadores de história) e ainda aquelas que passarão a conhecer essas histórias, outras que recordarão algo de suas memórias, repassando suas lembranças e resgatando as memórias culturais e históricas de seus antepassados.

Tempo estimado: 03 aulas de 50 minutos.

5ª Etapa – Ampliação do horizonte de expectativas

A discussão empreendida na segunda etapa pode ter levado à constatação de que a diferença básica entre os problemas e comportamentos dos personagens do conto popular “*As aventuras de Pedro Malazartes*” está relacionada as suas posições sociais (BORDINI; AGUIAR), de modo que Malazartes utiliza da astúcia para melhorar sua condição de vida perante à sociedade, aspecto que lhe causa insatisfação, enquanto o patrão, acostumado a explorar seus empregados, vivendo sempre em uma condição confortável, sente-se contrariado com as travessuras de Pedro.

Olhando por este prisma, o professor deve associar essa história com a realidade dos alunos, de modo a fazê-los refletir sobre essas questões na sociedade. Por exemplo, as atitudes de Malazartes podem ser justificadas em virtude da maldade do patrão? No meio social, como essa história seria encarada? Os alunos concordam ou discordam?

Tempo estimado: 01 aula de 50 minutos.

Possíveis avaliações

De acordo com Bordini e Aguiar (1993, p. 85):

a aplicação da estética recepcional à pedagogia da literatura prevê a transferência dos pressupostos teóricos já citados à prática escolar da leitura. Assim como se reflete sobre o fenômeno literário sob a ótica do leitor como elemento atuante do processo, o método recepcional de ensino funda-se na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos.

Dessa forma, a avaliação da aprendizagem deverá ocorrer de forma integral, de modo que o professor observe a participação dos alunos nas aulas, discussões, debates, realização dos trabalhos em grupo, envolvimento nas atividades e principalmente na temática abordada. Os critérios de avaliação a serem empregados pelo professor, tendo em vista os princípios que norteiam o Método Recepcional, abrangem a dinâmica do processo e cada leitura dos alunos (BORDINI; AGUIAR, 1993).

Ainda em conformidade com as autoras, no decorrer da prática literária, é interessante observar as perspectivas iniciais dos alunos quanto ao desenvolvimento da prática de leitura, bem como a postura apresentada ao final das atividades, como por exemplo, se gostaram do trabalho, se entenderam o objetivo das atividades, se eles se divertiram com as travessuras de Pedro Malazartes, se puderam refletir sobre as questões presentes no conto popular e, sobretudo, quais as perspectivas para o futuro com relação a contação de histórias e o Blog criado por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao explorar as narrativas literárias/historiográficas nos deparamos com a surpresa da história contada a partir de novos olhares, longe dos grandes nomes e feitos da sociedade. A essas narrativas dar-se o nome de conto popular.

O conto popular não é conhecido por todos. Sua essência percorre diversos relatos, dos quais, muitos são esquecidos e poucos são repassados, aspectos que minimizam o conhecimento da cultura popular. Essa ideia de esquecimento, infelizmente, tem se destacado no cenário social, de forma que o conhecimento popular cada vez mais se distancia de outros aspectos políticos e econômicos. Fato que impacta nos valores culturais dos povos, enquanto contadores de histórias e compromete a identidade social dessas, haja vista que são menosprezadas perante os conhecimentos postulados pela cultura erudita.

Considerando a importância da literatura popular – figura do conto – como identidade cultural, valores e transmissão de conhecimento, neste trabalho buscamos desconstruir essa percepção sobre o conto popular, promovendo reflexões positivas acerca do assunto. Para tanto,

apresentamos uma proposta metodológica para trabalhar o conto popular na sala de aula através do Método Receptional e, como isso, percebemos que assunto desta natureza não contribui apenas para o desenvolvimento do campo da leitura, como também, dialoga com outras ciências por meio da interdisciplinaridade que percorre assuntos em torno da história, literatura, oralidade, memória e sobretudo, aspectos do campo cultural.

Ao discorrer sobre questões que giram em torno do conto popular e sua tradição no Nordeste evidenciamos as raízes culturais e a sua importância no tempo e na memória, assim como resgatamos os valores de uma tradição que ultrapassa gerações, mostrando sua identidade, cujas bases surgem no saber popular.

Por fim, esperamos que este trabalho possa contribuir para a disseminação do conto popular nas escolas, de modo que os professores utilizem como auxílio nas suas práticas pedagógicas. Lembrando que a pesquisa não se restringe a uma única disciplina, logo, trabalhamos com a interdisciplinaridade entre a Literatura e História, apontando assim, novos caminhos para o ensino da literatura popular, sobretudo, no que diz respeito ao conto popular na educação básica.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “O morto vestido para um ato inaugural”: procedimentos e práticas dos estudos de folclore. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2013b.

BARROS; SOUZA. A valorização da cultura popular na educação básica de palmeira dos índios: entre práticas e representações. Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, 2014.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera T. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: Dialética da colonização. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. Contos tradicionais do Brasil. São Paulo: Global, 2004 [1946].

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002 [1954].

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. 104p.

OLIVEIRA, J. W. V. Projeto de Pesquisa como requisito para o Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, 2020.

OLIVEIRA, Rosimere de Moura. A cultura popular e sua influência na educação escolar. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia. Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira: UEPB, 2011.

PESSÔA, Augusto. Malasartes: histórias de um camarada chamado Pedro / Augusto Pessôa; ilustração de Roberta Lewis. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Lendo e Aprendendo, 2018.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. 25 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SILVA, Jacklaine de Almeida. Literatura Popular na Escola. V – ENID Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2015/TRABALHO_EV043_MD1_SA9_ID631_25072015104016.pdf>. Acesso em 05/10/2021.

SIMONSEN, M. O conto popular. Trad. Luís Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SOUSA, Ivan Vale de. Metodologia e ensino do gênero conto popular na escola. Revista Virtual Lingu@ Nostr@, p. 111–131, 2019. Disponível em: <<https://linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/97>>. Acesso em: 10/11/2021.